

5

Lino d'Assumpção

ECLOGA

PASTORIL,

AO FELIZ PARTO

DA

ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA

SENHORA

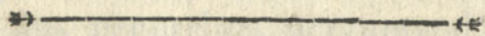
DUQUEZA DO CADAVAL.

POR

MIGUEL ANTONIO DE BARROS.



N. 35.128



LISBOA:

NA OFFICINA NUNESIANA

anno 1798.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ECLIPSE

ASTROLOGIA

NO SEU TARTO

EXCELENTISSIMA E EXCELENTISSIMA

Inculca produção de inculto engenbo.

DUQUEZA DO CADAVAL

TO II

MOTEL ANTONIO DE BARROS

L I B R O A :

NA OFFICINA NUNESIANA

ANO 1798.

Com o logotipo do Museu do Desenhado de Lisboa



ECLOGA.

LERENO, ELMIRO, E MELIZEO.

x

LERENO.

CANSADO venho , Elmiro , de buscar-te ,
 Quero sentar-me hum pouco descansando ,
 Pois corri destes campos grande parte :
 Fui ao bosque do Loiro , e não te achando ,
 Investiguei o campo do Azinheiro ,
 Por ti aos pegureiros perguntando.
 Senão vejo por este erguido oiteiro
 Correr o teu Melampo conhecido ,
 Hia ao pumar de Titiro ligeiro.

ELMIRO.

As minhas ovelhinhas tem comido,
 Ha dias, muito pouco, andão delgadas;
 Vim trazellas a pasto mais crescido:
 Em quanto ellas se fartão soccegadas,
 Eu apanho as castanhas que cahirão,
 Pelos ventos da noute varejadas:
 Os donos deste souto já me virão,
 Cuidei que a minha cesta despejassem;
 Mas no pequeno roubo consentirão.

LERENO.

Em quanto as tuas ovelhinhas pascem,
 As terras lestras que este sitio cria,
 E os mimozos cudeços que aqui nascem,
 Sobre a raiz desta arvore sombria
 Te peffo que te sentes com soccego,
 Para contar-te hum cazo de alegria.
 Abiundo andava hum rego, e outro rego,
 C'o duro ferro do rompente arado.
 No meu campo que iguala os do Mondego.
 Eis

Eis devyso faltar o alto valado

Hum formoso mancebo da cidade ,

E para mim correr affadigado.

Com meiga vóz , com branda suavidade

Os braços seus para abraçar-me abrindo ,

(Prova fiel de candida amizade)

Honrado lavrador , me disse rindo ;

Do voffo Maioral , a esposa cara

Deo em ora feliz hum fruto lindo.

D'ambas as mãos larguei rabiça , e vara ,

Abraçando o mancebo em laço estreito ,

Qual vide nova ao tronco se abraffára.

Tão gostoso fiquei , tão satisfeito

Que não ficou mais ledo Nemerozo ,

Quando abrandou de Dinamene o peito.

Pelo moſſo Dameta cuidadoso

Mandei defassugar os boes cansados

E ao aprisco levallos preçuroſo.

De murta , e de medronhos incarnados

Vesti o arado , que parece ao vello ,

Arvore nova de estrangeiros prados.

Depois ao grato mensageiro bello

Em premio dei da nova recebida

Hum cordeiro ſinzeno , outro amarello.

Logo buscar te vim para que erguida
 A tua doce vóz, que amansa o vento,
 Cante louvores á innocente vida.

ELMIRO.

Não teria maior contentamento,
 Se visse a minha rez resuscitada
 Que matou da gafeira o mal violento.

Como de ouvir a nova desejada
 De pastores zagaes e pegureiros
 Que habitão esta aldea dilatada.

Não ves, Lereno, ao pé dos dois carneiros:
 A branca Ovelha com tres vimes preza
 Ao tronco de hum daquelles castanheiros?

Pois ao passar de Amintas a deveza
 Da cidade o caminho foi pizando
 Da rapoza excedendo a ligeireza.

Velóz corria, para trás olhando,
 C'o a cabeça assenava que a seguisse.
 Hia de gosto, e de prazer balando.

Agora sei, Lereno, que predisse
 Então nossa ventura, e com exceço
 Me guiava onde o novo fiuto visse.

Vai

Vai preparando a fruta , em quanto eu méço
 A carreira do canto defuzada ,
 E os meus campestres versos não coméço.

L E R E N O .

Foi por mim esta fruta fabricada
 De ouco fabugo , e só quando a acabei
 Foi para esprimentar-lhe os fons tocada.
 Para as festas de Séres a guardei ,
 Mas , como veio dia tão sagrado ,
 Teu canto acompanhando a tocarei.
 E tu supremo Pan que a nós guardado
 Sópras a estreita fistulá sonora ,
 Que reçoá no fundo deste prado.
 Do teu auxilio necessito agora ;
 Dá-me hum alento forte , que não cance ,
 E acompanhe de Elmiro a voz canora.

ELMIRO.

Deoses dos bosques , sêde em minha ajuda.

E tu campestre Musa , que mil vezes

Rusticos versos grata me inspiravas ,

Com que ajuntava estramalhadas rezes.

A minha idéia aclara , e novo estylo

Me dá que cante o Fruto venturoso ,

Gloria dos Pais , e gloria destas selvas

Com victimas pedido ao Ceo piedoso.

Vem formosa Menina em cujas veias ,

Grande parte do Claro Sangue incerras

Do Sob'rano Pastor dos Luzitanos ,

E de outros Maioraes de estranhas terras.

Vem formosa Menina aos camponeses

Elles devotos victimas queimárão

Nos Altares aos Deoses consagrados ,

Com que o teu Nascimento supplicárão.

Elles te querem , elles te dezejão :

E em quanto te allimenta o branco leite

Malignos olhos te não dem olhado ;

O Ceo que te nos deo , o Ceo te espreite.

Lonje de ti se aparte a neve fria
 Para distantes ferras intrataveis ,
 Não soprem ventos fortes, e contrarias
 Sempre as Luas te sejam favoraveis.

E quando tres verões por ti passarem ,
 E pizes deste campo a verde galla ,
 E ao ver da aberta roza a côr alegre
 O dezejo te incite a desfolhalla :

As Silvestres Deidades que se negão
 A nossos olhos te serão patentes ;
 Com tigo brincarão ternos Amores ,
 E o bando dos Prazeres innocentes.

Tomando enos braços Flora rindo ,
 Tirará da cabeça as flores bellas ,
 E matizando as côres differentes ,
 O teu cabello toucará com ellas.

Pumona em festo de torcidos vimes
 Te virá offerecer fructas mimosas ,
 Em seu pumar creadas , e colhidas ,
 Brandas maçans , e peras faborosas.

Os Satiros mettidos entre as canas ,
 De que os vejas terão grande receio ,
 Que pódes affustar-te , se lhe vires
 Grandes armas na testa , e rosto feio.

As Aves que de nós medrosas fogem,
 A ti por seu querer irão voando,
 As pequeninas vidas entregar-te
 Contentes de morrer, em tu folgando.

A branda viração sempre volante,
 Da parte correrá para onde fores,
 Trazendo-te o suave, e doce cheiro,
 Que costuma roubar às lindas flores.

Os pomos que estiverem mal seguros,
 (Estando Tu debaixo sem mudar-te)
 Nova substancia tiraráo ao ramo ;
 Porque pódem cahindo molestar-te.

E quando claramente conheceres,
 Das arvores a varia qualidade,
 Ainda que sem folhas se apresentem,
 Diffres (isto he freixo) e for verdade.

Então mui grandes cousas precisamos ;
 Illustre Prole, a ti procuraremos ;
 Portegendo-nos Tu, com mór certeza
 As regras da Lavoira saberemos.

Saberemos qual terra he mais fecunda,
 Onde se dá senteio mais formozo,
 Se em razo campo que regar se possa,
 Se na encolta de oiteiro pedregozo.

Saberemos qual tempo he mais propicio,
 Para lançar á Terra as fementeiras;
 Quando a linhaça semear se deve;
 Quando ha de vir o trigo para as eiras.
 Saberemos qual vento, e de que parte,
 He damnofo á Seara já madura;
 Se o que lá da cidade vem correndo,
 Se donde o Sol nos mostra a face pura.
 Por ti aprenderemos qual das ervas
 Faz engordar as vaccas, e as ovelhas;
 E como enferrarêmos no cortiço,
 O fugitivo enxame das abelhas.
 Por ti aprenderemos o remedio
 Para curar a ronha ao nosso gado,
 Mal que os rebanhos torna mais pequenos,
 E que tantos cordeiros tem matado.
 De ti estas venturas esperamos;
 Tu nos fazes suaves as tardanças:
 Cresce, Ramo feliz de antigo Tronco,
 Com tigo crescem nossas esperanças.

L E R E N O .

Que noyo estillo ! Que agradavel canto ?

De competir contigo fe envergonha

Pulidoro que a muitos causa espanto.

Não ha coufa que aos versos fe anteponha ;

Ao tom da tua voz hum Sapo veio ,

E vomitou alli toda a peçonha.

E L M I R O .

Não me fervem louvores de recreio ;

Mas lá vem Melizeo pastor onrado ,

De saber , de experiencia , e de annos cheio.

Onde vás , Melizeo , tão apressado ,

Que parecees hum mosso vigorozo ,

Que não precisa arrimo de cajado ?

M E L I Z E O .

A' cidade caminho preçurozo ;

A' nova Maioral que o Ceo nos dera ,

Levo este berço rustico , e formozo.

De

De faia as tabuas são cubertas de hera ,
 Tudo o mais de nogueira , e bem parece ,
 Hum mimo da rizonha Primavera.

De ramos de oliveira se guarnece ,
 Pelo meio com verde junco preza ,
 A bisnaga florida não fallece.

Está entre os jasmins c'ò a còr asseza ,
 A prezada de Flora , a linda roza ,
 Com razão ostentando de Princeza.

Não se esconde a secem que he tão mimosa ,
 O martirio de còres differentes ,
 E a roxa flor do lirio melindrosa.

Apparecem as folhas recedentes
 Do mais viçozo trevo , e junto dellas
 As vermelhas perpetuas permanentes.

Azuladas boninas , e amarellas ,
 E outras flores que a vossa vista alcança ,
 Que enfada repetir os nomes dellas.

O tempo certamente faz mudança ;
 Não me detenho mais , vou á cidade ;
 Que o pouco pezo ao lonje sempre cança.

Lembro-me que na minha mocidade
 Nos dias mais pequenos hia , e vinha ;
 Mas agora mo tolhe a muita idade.

L E R E N O .

O Ceo te leve em paz : e tú caminha ,
 A ajuntar o rebanho , caro Elmiro ,
 Que para a rebanceira se avesinha :
 Teus versos , que soárão no retiro ,
 Tambem devem soar no povoado ,
 Quando as Moças , dançando em leve giro ,
 Festejarem hum Dia tão sagrado .